

A pesquisa biográfica e suas travessias: um diálogo sobre experiência etnográfica e imaginação

Anaxsuell Fernando da Silva - Unicamp¹

Resumo

Este trabalho se propõe a problematizar o rigor na investigação biográfica. Para tanto será feita uma comparação de duas pesquisas que utilizam procedimentos analíticos e metodológicos diferenciados. Richard Fardon, que investigou o itinerário de Mary Douglas, e, Rubem Alves que escreve sobre a trajetória de Gandhi. O posicionamento de pesquisa apontado por cada biógrafo permite discutir suas escolhas para, a partir delas, discutir o papel do trabalho de campo e da imaginação na reconstituição das trajetórias investigadas por meio da narrativa.

Palavras-chave: Pesquisa biográfica; Etnografia; Imaginação

Abstract

This work compares two biographical research that uses differentiated analytical and methodological procedures. Richard Fardon, who investigated the itinerary of Mary Douglas, and, Rubem Alves whom he writes on the trajectory of Gandhi. The positioning of research pointed for each biograph allows to argue its choices stops from them arguing the paper of the work of field and the imagination in the reconstitution of the trajectories investigated by means of the narrative. Such boarding allows to think the severity of the qualitative research, in special, the biographical research.

Keywords: Biographical research; Etnography; Imagination

¹ Anaxsuell Fernando da Silva. Email: anaxsfernando@yahoo.com.br

- São as minha memórias, dona Benta.
- Que memórias, Emília?
- As memórias que o Visconde começou e eu estou concluindo. Neste momento estou contando o que se passou comigo em Hollywood, com a Shirley Temple, o anjinho e o sabugo. É um ensaio duma fita para a Paramount.
- Emília! exclamou dona Benta. Você quer nos tapear. Em memórias a gente só conta a verdade, o que houve, o que se passou. Você nunca esteve em Hollywood, nem conhece a Shirley. Como então se põe a inventar tudo isso?
- Minhas memórias, explicou Emília, são diferentes de todas as outras. Eu conto o que houve e o que deveria haver[...]"

(Monteiro Lobato, 1950, p.129)

O olho vê, a lembrança revê e imaginação transvê. É preciso transver o mundo.
(*Livro sobre Nada*, Manuel de Barros)

Narrar é algo constitutivo do humano. De alguma forma a narrativa está sempre presente em nossa vida. Narramos fatos, feitos, fenômenos. Tentamos traduzir sentimentos e experiências por meio de narrativas. Cabe mencionar que os textos científicos também se constituem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações. Assim, narrar é dimensão basilar da comunicação humana e de atribuição de significado ao mundo ou, dito de outro modo, é no enredo que se encontra o sentido cultural, como lembrou Victor Turner (1980).

O filósofo Paul Ricoeur admite a narrativa e a leitura como pressuposto essencial para a compreensão da história. A partir da narrativa o ato da escrita etnográfica não só ganha similitude com o verossímil, como arranja a relação entre a intenção e a ação, como pressuposições interligadas. Para ele deve-se valorizar a intriga, pois ela constitui o elo e faz parte da tessitura do texto, a verdade e o sentido de um acontecimento são relativos ao sentido e a verdade de outro acontecimento. Não se distingue dessa maneira, a narrativa do conhecimento histórico.

Como o título desse texto sugere, compreendo que as narrativas assemelham-se a uma travessia. Essa palavra – como muitas outras – originou-se do latim *trans-vertō*, que significa o verter-se e o figurar-se no itinerário do viver. Assim, a imagem da *travessia*, atrai e congrega muita das questões que emergem numa tentativa de traçar o itinerário da vida de uma pessoa. É que só na *travessia* o homem chega ao que o faz humano. Como bem lembrou Guimarães Rosa “Existe é homem humano. Travessia” (2001, p. 460). Se em travessia, o radical “vessia” deriva do verbo *vértēre* que significa *verter*, *tomar figura*, *realizar*; já o prefixo *trans* exprime o que se dá *através de*, *no agir e ir além*, no se mover no caminho e como caminho. Mas o *ir além*, o *agir* pressupõe a ação.

Ainda um pouco mais acerca da ação narrativa, ajudará na análise das biografias que proponho o entendimento Walter Benjamin sobre esta questão. Ele advogava que a arte de narrar origina-se na experiência – no alemão, *Erfahrung*, conceito central no pensamento benjaminiano. Para ele, narrar é a capacidade de intercambiar experiência com o outro. Nesse sentido, a experiência é o elemento original e originário a que recorrem os narradores. Narrar (do latim, *narrare*), *etimologicamente*, significa “fazer conhecer”. Portanto, *erfahren* e *narrare* fazem chegar o conhecimento ao homem. *Erfahrung* é a experiência que leva o conhecimento ao homem. Mas não a um conhecimento científico pautado por regramentos necessários ao situar o que é ou não é verdadeiro. *Erfahrung* é a experiência que leva o indivíduo a conhecer a sua existência.

Concomitante ao desaparecimento da narrativa como memória e experiência partilhada e transmissível coletivamente emergiu o modo capitalista de produção, que responde

pela organização sócio-econômica do *império da razão*. A sociedade moderna, assentada no modo de produção capitalista, na cientificidade e na técnica, não admite a *Erfahrung*. Neste caso, *Erfahrung* “abdica” o lugar para a *Erlebnis*, também experiência mas uma experiência vivida isoladamente por um indivíduo solitário, desligado do seu grupo, de uma memória comum.

Ainda acerca do ensaio *O Narrador*, escrito por Walter Benjamin, a narrativa das transformações sociais e culturais impactaram e deram à luz a modernidade européia. A modernidade técnica inerente ao estilo de vida burguês e capitalista do *império da razão* acaba com a arte de narrar e transforma a comunicação, até então portadora de uma sabedoria, em informação, portanto, um artigo de consumo como outro qualquer. Benjamin propõe a reconstrução da *Erfahrung* acompanhada por uma nova forma de narrativa.

Biógrafos nas encruzilhadas: uma biografia é dada ou construída?

Nas pesquisas biográficas, e não somente nelas, a metodologia não é algo abstrato, ao contrário, ela tem afinidades eletivas com a proposta de trabalho de cada biógrafo. Em grego *hódos* – do método – é caminho. E neste ponto, cabe mencionar Octávio Ianni (2000) e sua observação de que o conhecimento do mundo pode ser constituído por viagens reais ou imaginárias, quando mundo conhecido por histórias fantásticas que outros viajantes ou narradores propiciam ou propiciaram, por meio do campo literário e científico.

Adentremos às biografias que proponho relacioná-las. De um lado temos Richard Fardon, antropólogo social e etnógrafo africanista, professor da Universidade de Londres, autor de *Mary Douglas – uma biografia intelectual*. De outro temos Rubem Alves, Filósofo, psicanalista e professor aposentado da Universidade Estadual de Campinas, autor de *Reverência pela Vida: a sedução de Gandhi*.

Ambos trazem consigo o desafio de contar a história de pessoas conhecidas além dos limites disciplinares e geográficos. Para isso, Fardon mantém o distanciamento tão apregoadado por alguns autores das Ciências Sociais² como pressuposto epistemológico, enquanto Rubem Alves efetua um deslocamento e assume a narrativa como sendo o próprio biografado. Tais características fazem com que a biografia de Mary Douglas seja considerada acadêmica enquanto a de Gandhi seja vista como uma peça literária. Razão pela qual me senti motivado para compará-las.

Mary Douglas (1921-2007), acerca de quem escreveu Fardon, é uma das antropólogas britânicas mais produtivas e mais respeitadas. Escreveu por cinco décadas e ficou muito conhecida em virtude da abrangência de suas pesquisas, que vão desde a Teologia aos estudos ambientais, passando pela economia e pelos estudos da sociedade de consumo. E ainda está entre as pensadoras mais controversas da antropologia,

seja por sua franca rejeição aos padrões de abordagem utilitarista presentes nas abordagens adotadas nas disciplinas que ela tentou colonizar, seja por sua vida de busca no interior de sua própria disciplina – enquanto outros se contentaram em abraçar um relativismo frouxamente definido – por uma fórmula explicativa universal para a diferença cultural. (Fardon, 2004, p. 11).

Rubem Alves contou a história de Mahatma Gandhi (1869-1948), líder espiritual e pacifista indiano. Voraz defensor do princípio da *Satyagaha*, isto é, formas de protestos ancorados na não-violência, um político de “Gestos poéticos”.

Os biografados são bastante conhecidos, o que torna maior o desafio de compor suas trajetórias. Além disso a vida de ambos parecem ter sido marcadas de modo significativo por suas convicções religiosas, fato que será ponderado por seus respectivos biógrafos. Ainda que sob prismas diferentes.

Cada um, ao seu modo, valoriza o conflito na trama. Seja entre as concepções da antropóloga e dos seus críticos no âmbito acadêmico. Seja entre o líder político indiano e os governantes da sua época. Talvez ambos tivessem em mente a recomendação de Ricoeur “Uma

2 Me refiro aqui, de modo especial, a Bourdieu e sua noção de distanciamento.

história que não comportasse nem surpresas, nem coincidências, nem encontros, nem conhecimento, não reteria nossa atenção” (Ricoeur, 1984).

Richard Fardon, a biografia como um dado

Esta não é uma biografia de Mary Douglas como indivíduo particular, mas uma descrição de seus escritos baseada nos textos e nos desenvolvimentos destes. Em grande parte, trata-se de um trabalho descritivo – uma explicação, mais do que uma avaliação. (Fardon, 2004, p.18)

É com esta advertência que Richard Fardon prefacia seu livro que objetiva, como já mencionamos, compor (talvez decompor seja mais apropriado) a trajetória acadêmica/intelectual/biográfica da Antropóloga Mary Douglas. Para ele, o fundamental é mostrar por que Douglas “escreveu como escreveu, como desenvolveram suas idéias” (*Id.*). Isso já aponta para a compreensão de Fardon da biografia como um dado objetivo, em que é possível recolher dados e assim conciliar a trajetória intelectual de cinco décadas ao curso de oitenta e seis anos de vida da autora mencionada.

Muito embora Fardon afirme que optou por um fio narrativo biográfico não linear (*Id.*, p. 21), seu arranjo dos fatos é sucessivo, de modo que, a trama biográfica do livro divide-se em três partes sob um critério cronológico. Cada uma dessas partes subdivididas em capítulos tomando o mesmo critério como eixo, isto é, estabelecendo as divisões do tempo e fixando datas.

A primeira parte do livro, em três capítulos, compreende o período de 1920 a 1950. No primeiro deles, chamado “Memórias de uma menina católica: décadas de 1920 e 1930”, tenta-se reconstituir a infância de Mary Douglas no referido intervalo de tempo, evidenciando uma meninice marcada indelevelmente pela visão de mundo do catolicismo inglês do início do século XX. O capítulo seguinte chamado “Os anos em Oxford: década de 1940”, como o próprio nome aponta refere-se aos anos pós-guerra em que Mary Tew (nome de solteira da biografada) ingressa e se diploma no Instituto de Antropologia Social de Oxford. No último capítulo desta parte, “A africanista: década de 1950”, concerne às suas pesquisas etnográficas e seus trabalhos como africanista.

“Síntese: década de 1960” é como se chama a segunda parte do livro, que é subdividida em dois capítulos. Esta secção tem um caráter diferente, compõe-se de leituras rigorosas de *Purity and Danger*³ (o mais famoso livro de Douglas) – no capítulo quatro nomeado de “Pureza e Perigo revisitado” –, e da sua obra seguinte *Natural Symbols*, no capítulo cinco “Em defesa de Símbolos naturais”. Para Fardon, esses dois livros, ambos escritos na década de 1960, abrangem idéias que constituiria a base de incursões posteriores de Douglas em disciplinas contíguas à Antropologia e um ponto fulcral em suas novas arrancadas para seu projeto teórico.

Na terceira parte do livro, “Excursões e aventuras: décadas de 1970-1990”, as entradas que Mary Douglas efetua em campos substantivos e seus variados interesses. Sua relação pela teoria do consumo e pela economia do bem-estar foi mediado pela investigação do ritual, de modo mais específico dos hábitos alimentares no capítulo seis intitulado “Rituais de consumo”. No capítulo sete, “armas verbais e meio ambiente em perigo”, seguiu-se do interesse econômico de Douglas para suas aventuras, em colaboração com outros autores, nas análises de risco e nas preocupações ecológicas nos EUA. Os capítulos oito, “De volta à religião – no Ocidente contemporâneo”, e nove, “De volta à religião – no Antigo Testamento”, investigaram respectivamente as análises de Douglas sobre a religião contemporânea e, sua pesquisa intensa do Pentateuco.

Dois capítulos encerram a última parte deste livro nomeada de “Preservando o modernismo antropológico”. Eles buscam situar a obra de Douglas em seu contexto, relacionando-a em seus aspectos filosóficos, políticos, teológicos e do desenvolvimento da

3 Publicado em português em 1976 pela editora Perspectiva com o título de *Pureza e Perigo*.

teoria antropológica. No décimo capítulo, “As instituições pensam”, discute-se detalhadamente as formas como Douglas revisou seu próprio arcabouço teórico, ao longo de sua aplicação. O capítulo onze, “A consciência secreta dos indivíduos e a sociedade consagrada”, é um balanço da obra de Douglas considerando que seu trabalho representou uma nova convergência de correntes do pensamento social francês pós-reforma, que teriam sido refratadas e desenvolvidas através da antropologia social britânica de meados do século XX, com a educação e os compromissos católicos romanos da antropóloga. Para Fardon, a defesa de Mary Douglas das organizações hierárquicas, sua análise sociológica conservadora e sua ênfase nas bases sociais do pensamento coletivo podem ser relacionados com as fontes supramencionadas.

No que tange aos aspectos formais do livro, o biógrafo faz, ao longo das 458 páginas do livro, uso constante de extensas citações, as quais para ele “deixa-a, em geral, falar por si” (*Id.* p.21). Salta aos olhos a necessidade de Richard Fardon situar e contextualizar historicamente tanto a trajetória da vida da biografada, quanto sua extensa produção acadêmica, além de ser criterioso com o detalhamento das suas fontes. O autor atribui uma enorme importância a linearidade na reconstituição dos fatos. Tanto que, ao final do livro ele acrescenta dois apêndices em que dispõe cronologicamente todas as publicações de sua biografada ao longo dos anos de 1950 – 1998 (livros, livros organizados, artigos em periódicos, capítulos de livros, ensaios de crítica e resenhas de livros, além de cartas e textos efêmeros).

A tese sob a qual assenta o fio condutor da sua narrativa é de que na educação escolar secundária do Convento do Sagrado Coração em Roehampton, a disciplina hierárquica benigna preparou Mary Douglas para a admiração da ordem e transmitiu a ela uma duradoura preocupação em relação a questões sociais urgentes, particularmente a pobreza. Na medida em que regras altamente ritualizadas caracterizavam a vida cotidiana do convento em que viveu parte da sua vida, as aulas de teologia eram dedicadas à discussão aberta das encíclicas papais que definiam a doutrina social da Igreja Católica⁴, nas quais o papa Pio XI delineou a posição da igreja em relação à industrialização e à degradação das condições da classe trabalhadora.

Após sair da escola, Douglas matriculou-se na Universidade de Oxford e lá se graduou em Ciência Política, Filosofia e Economia. Neste percurso, duas monografias (*Land, Labour and Diet*, Audrey Richards, 1939; e *Os nuer*, Evans Pritchard, 1940) marcaram-na decisivamente e a inspiraram fazer seu doutorado em Antropologia Social, desenvolvendo seu trabalho de campo entre os “Lele” do antigo Congo Belga. Fardon advoga que coube a ela desenvolver uma forma de durkheiminismo mais sólido em comparação ao que emergia em seu contexto.

O biógrafo, Richard Fardon, afirma ter encontrado ânimo e advertência para o seu trabalho ao ler uma crítica escrita pela própria Mary Douglas acerca de uma biografia de outra Antropóloga, Margaret Mead: “Este livro sofre da limitação costumeira da hagiografia: é forte nos elogios (...) e fraco para lidar com os enigmas e problemas de uma pessoa que viveu em determinada época e lugar” (Douglas *apud* Fardon, 2004, p. 17). E mais adiante acrescenta: “reconfortante voltar, em busca de um roteiro, às expectativas dela mesma em relação a um biógrafo” (Fardon, *Id.*, p. 17).

Além da advertência de Mary Douglas em relação aos produtos oriundos de pesquisas biográficas, ele tinha como pressuposto metodológico uma afirmativa de Hans Keller, a qual faz questão de anunciar “Nesta era obcecada por biografias, gostamos de pensar que a vida explica a obra, porém o mais comum é a obra explicar a vida” (Keller *apud* Fardon, 2004, p. 24). Como sua proposta foi de biografar Mary Douglas não como indivíduo particular, mas sim, descrevê-la a partir de seus escritos e do desenvolvimento destes, Fardon trouxe à tona as dificuldades levantadas pela tentativa de compor uma trajetória de uma pessoa viva⁵. Já que sua biografada escrevera incessantemente por cinco décadas. E, enquanto ele desenvolvia sua pesquisa ela escrevia ainda mais⁶, obrigando-o a “alcançar a poeira que ela ia deixando em sua trilha.

4 Para ser mais específico, o autor refere-se, em particular, a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno*

5 A primeira edição do livro de Fardon, em inglês, foi publicado em 1998.

6 Segundo o próprio Fardon, após a aposentadoria de Douglas e durante o período de desenvolvimento da pesquisa biográfica, foram escritos um terço de sua produção intelectual mais tarde publicados.

Os aspectos positivos e as desvantagens do empreendimento de compor a trajetória de Mary Douglas, são avaliados pelo próprio biógrafo. Contou a seu favor na feitura do trabalho sua nacionalidade e classe atual semelhantes a da biografada, além do seu conhecimento pessoal (Mary Douglas o supervisionou durante a pós-graduação), proximidade geográfica (ambos moravam “em ladeira vizinhas na zona norte de Londres”), formação de ambos em Antropologia, economia e etnografia africana, e, por fim, a experiência de terem sido docentes na mesma instituição (University College). As diferenças que pesaram na construção do trabalho, segundo ele, foram: “origem familiar, o sexo, o credo religioso e uma certa ignorância, em alguns campos de interesse de Douglas” (*Id.* p. 24).

Vale dizer que Mary Douglas foi consultada acerca do convite a Fardon para escrever sua biografia e endossou a indicação. E, além disso cedeu-lhe tempo e apoio, recebendo-o em sua casa e eventualmente discutindo com ele dúvidas que emergiam acerca de momentos históricos da sua vida e idéias apresentadas em seus escritos.

Rubem Alves, a biografia como composição imaginativa

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com os outros acho que nem não se misturam. Contar seguido, contar alinhavado só mesmo sendo coisas de rasa importância. Tem horas antigas que ficam muito mais perto da gente do que outras de recente data. Assim é que eu acho, assim é que eu conto. O senhor mesmo sabe, e se sabe me entende. Toda saudade é uma espécie de velhice. Riobaldo (Rosa, 2001, p. 115)

Quem guardou consigo os ecos de *Grande sertão: veredas* sabe da importância que Rosa atribui à capacidade de transformar recordações “alinhavadas”, planas e estéreis em experiências vivas. Narrar o passado como paradoxo que nos intriga e interroga é o desafio do narrador Riobaldo, e a proposta de Rubem Alves ao contar a história (ele prefere o termo estória) de Gandhi.

Walter Benjamim parece anuir ao jagunço quando afirma ser cada vez mais difícil encontrar alguém com capacidade de narrar, de trocar experiências vividas por palavras. A experiência é a fonte do narrador, constituída por viagens fantásticas, daquele que percorreu o mundo ou daquele que permaneceu em seu país, conhecendo histórias e tradições: “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada” (Benjamim, 1975, p. 66).

Tais idéias estão permeando a escrita de Rubem Alves no livro “Reverência pela vida”, que ao longo de 128 páginas busca compor a trajetória do líder religioso indiano Mahandas Karamchand Gandhi. Sobre sua intenção biográfica no livro, ele afirma:

Foi isto que tentei fazer. Conte estórias sem respeitar o tempo e sem respeitar o espaço. Juntei coisas que aconteceram longe e pus no mesmo tempo a meninice e a velhice. Assim é o mundo da estória, parecido com os sonhos, arte do inconsciente: lá não existe nem espaço nem tempo. Só o espaço e o tempo da saudade, coisa do desejo. (Alves, 2006, p. 119)

A história é contada em dez capítulos curtos. Rubem Alves faz uma opção pouco convencional, narra a trajetória de Gandhi em primeira pessoa. Assumindo a história como se fosse sua própria história. Sobre a experiência de tradução da história de outrem numa “estória” contada para ser lida, ele confia durante uma entrevista⁷:

Foi uma experiência estranha. Ao escrevê-lo tive a nítida impressão de estar num transe. Sem que eu fosse vegetariano fiquei incapacitado de

7 Publicada na Folha de São Paulo, Caderno Tendências e Debates, em 31/01/2001.

comer carne enquanto escrevia. A carne que antes eu comia com prazer passou a causar-me repugnância. Vou transcrever, em memória a Gandhi, uns curtos trechos do que escrevi. Não creio que o que eu pudesse escrever agora, sem estar em transe

Diante deste quadro é impossível não recordar a noção de “ser afetado” trazido à tona inicialmente por Jeanne Favret-Saada (1990) e posteriormente discutida por Márcio Goldman (2006), em que o pesquisador está sob o mesmo estado do “outro” e redimensiona seu papel participativo na pesquisa etnográfica, ou seja, o pesquisador observa participando e participa observando.

Como já mencionei o livro não segue ordem cronológica. Antes, privilegio o arranjo poético entre os cenários descritos, assim como as interconexões entre os fatos relatados. A trama inicia-se no primeiro capítulo, “Gestos Poéticos”, com Gandhi, já morto, sendo cremado. Na medida em que as cinzas dele se espalham pelo Rio Yamuna ele conta suas memórias e reflete acerca da sua existência. Somente ao final desta secção do livro é que o autor explica, rapidamente, quem está por trás da fala e que conta a estória. Cito-o:

Ah! Quase que me esquecia: os mortos não podem falar. É alguém que fala em meu lugar, que tentou ouvir e procurou colher as coisas que eu mesmo colheria, se pudesse. (Alves, 2006, p. 21)

Em seguida, no segundo capítulo denominado “Origens”, o narrador-personagem conta sobre seu nascimento e seu povo, evidenciando lembranças infantis. “Humilhações” é o título do terceiro capítulo e nele Gandhi relata uma série de vexames sofridos não somente por ele, mas também, e principalmente, por seus conterrâneos que viviam em Durban, na África do Sul. Segue-se a este “Satyagraha”, ponto em que o rebaixamento moral dos indianos atinge o seu ápice e Gandhi propõe uma afronta aos Britânicos, colonizadores da região, por meio de uma resistência não-violenta.

Nos dois capítulos seguintes, “O colar” e “Os saquinhos de anil”, interrompe a narrativa com a seguinte justificativa: “De repente, meus pensamentos ficaram confusos. Lembrei-me de um sonho que me deu grande ansiedade...” (*Id.* p. 61). O personagem-narrador, mais uma vez, abre mão da seqüência histórica dos fatos e entrega-se aos desígnios dos seus sonhos para contar, acerca de um colar que recebera e, respectivamente, sobre pequenos sacos em que as cores lembravam o céu da sua terra. Aqui sonhos, desejos e acontecimentos factuais se misturam de tal modo que nem mesmo o narrador sabe mais do que se trata.

Os capítulos sete “A caminhada para o mar”, oito “A reverência pela vida” e nove “A tristeza final” trazem consigo o desenrolar da trama, dando ênfase às posturas políticas de Gandhi em defesa do povo indiano que era massacrado e oprimido pelos colonizadores britânicos.

O último capítulo pretende ser – se assim pudermos chamá-lo – metodológico. Nomeado de “Como eu escrevi essa história”, o biógrafo Rubem Alves tenta expor seu percurso na construção da trajetória de Gandhi. Expondo os motivos que o levou a contar, e mais que isso, a forma como decidiu contar e sua relação com as fontes. Cito-o:

Parecia brincadeira de armar quebra-cabeças. Milhares de peças sobre a mesa, fragmentos do passado, coisas que Gandhi disse e falou, coisas que outros disseram. De saída uma imposição: não mais que 65 laudas. Se fosse história eu estaria perdido. Não haveria enciclopédia que chegasse. Mas era estória. A fala seria minha fala... Pensei, então, coisa que não teria coragem de confessar se estivesse escrevendo para cientistas, no fundo não será verdade que toda história é uma estória? (Alves, 2006, p. 121)

A estratégia narrativa é singular. Embora haja uma divisão em capítulos, o livro se transforma numa narrativa de um fôlego só, como se a história de Gandhi, a matéria vertente, jorrasse sobre o leitor em forma de palavras. Simulando um relato oral, Gandhi recorre à memória para reconstruir sua vida e transforma-se, ao mesmo tempo, em narrador e em

personagem principal, não só de seu próprio relato, mas também acerca do contexto sócio-cultural em que estava inserido. A intrincada forma narrativa arranjada por Rubem Alves, que recorre ao diálogo entre Gandhi e o leitor, permite visualizar o cenário opressor imposto aos não britânicos (especialmente os indianos) na colônia de Durban, na África do Sul.

Em muitos aspectos, a estratégia narrativa de Rubem Alves lembra a travessia espacial e interior do ex-jagunço Riobaldo, narrador e personagem principal de Grande Sertão: veredas, pelo sertão das Minas Gerais. Evocado pelo biógrafo em seu último capítulo não por acaso. O narrador personagem de Alves, Gandhi, também faz uma travessia exterior (Índia-África-Índia) e interior.

O personagem biografado, ao contar sua história mostra conhecer sua verdade, ou aquilo que, através do processo de elaboração de sua experiência, teceu como verdade. Mas esta verdade precisa ser revisitada, pois há pontos “encobertos” e lacunas que ainda precisam ser preenchidas, assim, ele tece seu discurso, primeiro com metáforas e depois com os fatos, “compondo e decompondo” suas idéias. A imaginação exerceu, pois, um papel fundamental para a composição dessa trama, de modo que o factual e o fato imaginado se entrelaçam ao longo do texto. No capítulo que ousei chamar aqui de “metodológico”, Rubem Alves explica:

Tive um problema: como separar a minha imaginação, que usei para completar os espaços vazios, dos materiais que o espaço legou? Haveria sempre o perigo do leitor confundir a voz do contador de causos com a voz do próprio biografado. Pensei em usar o recurso das aspas. Achei ridículo. Como se um compositor, autor de uma rapsódia construída com temas populares, fizesse soar os pratos sempre que um deles fosse tocados... preferi manter a indefinição. Vez por outra usei a frase de outro autor, peça de quebra-cabeça diferente, mas que se encaixa muito bem. T.S. Eliot, Rauschenbusch, Heládio Brito... (*Id.* p. 123).

Rubem Alves transformou seu personagem biografado no típico narrador de Walter Benjamin. Gandhi é aquele que narra as ações da experiência, e não somente suas vivências. Embora não de maneira explícita, o leitor está presente ao longo de toda narrativa, conferindo o caráter dialógico da narração. Gandhi só se tornou o homem que foi, devido a todos os fatos que o circundaram que lhe garantiu uma aprendizagem da condição humana.

Assim, pela repetição de sua história, Gandhi vai se construindo e elaborando, proporcionando aos leitores um mergulho em seu acervo memorialístico. Não sabemos quanto de verdade há em seu relato, mas sabemos como o narrador, ao longo dos eventos que vivenciou se construiu como líder religioso e, nesta narrativa, contador de causos.

Interessante observar que esta reconstrução se dá sempre pela oralidade e que Gandhi repete relacionando-se diretamente com suas lembranças e esquecimentos. Benjamim (1994) faz uma definição a cerca da faculdade da memória, originada da Mnemósine, que sofreu uma espécie de cisão com o declínio do épico e a ascensão do romance. Se na narração o poder da memória está no campo das reminiscências que são justapostas como um todo unificado, no romance estamos no âmbito das recordações. A primeira é coletiva e efêmera e narra episódios de uma aventura e um herói, e a segunda é eternizante e individual (do romancista), narrando muitos eventos difusos. E, realmente, são as reminiscências justapostas de Gandhi que formam a aventura de um líder eminente que teve um tipo de angústia com a qual muitos se identificam.

Antônio Candido (2006) fez uma análise bastante interessante da travessia de Riobaldo, personagem do Rosa que aqui temos evocado, nesta análise ele mostra a influência do espaço do Sertão sobre a personalidade de Riobaldo, apontando alguns aspectos importantes dessa sua travessia interior. Segundo o autor, o meio físico é uma “realidade envolvente e bizarra, servindo de quadro à concepção do mundo e de suporte ao universo inventado.” (Candido, 2006, p.113). Tal análise parece ser útil também na história contada por Rubem Alves, na medida em que o deslocamento geográfico de Gandhi parece ser suporte da concepção do mundo do biógrafo que explicita sua valoração do passado como experiência vital, imanente, positiva, portanto, épica.

Assim, compreendo que a escolha da narrativa para Gandhi compartilhar a sua

procura existencial não é gratuita. Rubem Alves escolhe a narrativa para que Gandhi reconstrua o seu percurso existencial. A narrativa permite ao líder dos “gestos poéticos” manifestar o seu ser. Ela provoca o pensar, as lembranças. A narrativa é, pois, experiência e memória. E isso foi possível pela imaginação do biógrafo. Rubem Alves expressa a relação entre memória e experiência “Quando escrevo, repito o que vivi antes”.

Do factual ao mitopoético: à guisa de uma conclusão

Inicialmente tínhamos a perspectiva de que as narrativas constituíam a mais fidedigna descrição dos fatos e era esta fidedignidade que estaria “garantindo” consistência à pesquisa. Logo nos apercebemos que as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão prenhes de significados e reinterpretações. Conseguimos, ainda, perceber que, antes disto ser um problema, era o cerne da pesquisa sócio-antropológica pois, como explicitam Berger & Luckmann, *as análises tem particular importância para a sociologia do conhecimento porque revelam as mediações existentes entre universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos* (1985, p.109).

Se Richard Fardon em *Mary Douglas: uma biografia intelectual* está interessado em fatos alinhavados, dados históricos precisos, descrição detalhada das fontes, extensas citações (delimitando sua voz, da fala da biografada). Análises críticas da produção intelectual da antropóloga por ele biografada. Rubem Alves, na biografia que escreveu de Gandhi *Reverência pela vida*, entrega-se num tempo que tem o seu ritmo próprio, não é homogêneo, linear ou histórico. É um tempo cheio de oscilações, que vai se compondo conforme a vontade e a memória do narrador-personagem. Lembra o caleidoscópio, pequeno instrumento cilíndrico, em cujo fundo encontramos fragmentos de vidros coloridos, os quais, ao refletirem-se sobre um jogo de espelhos angulares dispostos longitudinalmente, produzem um número infinito de imagens. Para o narrador, cada uma dessas imagens terá um sentido. O importante não é a sequência dos acontecimentos (das imagens), mas a compreensão do sentido dos mesmos.

Permita-me, neste ponto mencionar novamente Paul Ricoeur, para o qual o imaginário representa ponto nodal para a construção da história, pois para relacionar o tempo vivido ao tempo do mundo seria necessário construir conectores para manejar essa relação. Aos conectores seria assegurada a virtude de tornarem o tempo legível aos olhos humanos, tal qual faz o calendário.

Nesse sentido, história e ficção, ambas matrizes de pensamento recorrem às mediações imaginárias na refiguração do tempo, o que justifica, por exemplo, os empréstimos tomados da literatura pela história, quanto aos modos de discurso que apresentam, muitas vezes, ora uma estrutura de romance, ora irônica, cômica, etc.

Enquanto Fardon mobiliza sua imaginação no sentido de reproduzir o discurso da sua biografada, Mary Douglas, e a partir disto analisá-la e re-conhecer a trajetória da mesma a partir de sua produção. Em Rubem Alves a imaginação não é reprodutiva de qualquer discurso. Antes, ela é criadora. Se para o primeiro a verdade, é pois, um dado a ser visto, colhido e lembrado. Para o segundo, a verdade é uma elaboração negociada. Para Fardon, a obra explica a vida. Para Rubem Alves a vida explica a vida.

Cada autor efetua sua travessia por meio da narrativa biográfica ao seu modo, seja dando ênfase a tradução da vivência em experiência intelectual, ou atribuindo a imaginação a capacidade de recriar uma experiência que se perde na factualidade, considerando no biografado uma existência mitopoética.

Se, como nos advertiu Johaness Fabian, que ao debruçar-se numa pesquisa acerca das narrativas de viagens científicas no mundo colonial (séc. XX) constatou que todo conhecimento é um re-conhecimento, assim, seria preciso considerar o gênero narrativo como um mecanismo que cria o sentido da experiência pela “estória” partilhando-a com o leitor devido sua universalidade. Essa experiência pode ser tanto sensível como intelectual (Cf. Throop, 2003) e é de grande importância para os relatos antropológicos objetivando que a imaginação (sensível ou intelectual) avance além da perspectiva sensorial, provocando o alargamento do mundo.

Referências

- BARROS, Manoel. **Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Coleção “Os pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4.ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERGER, Peter & LUCKMANN. **A construção social da realidade**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, v. 1, nº 19, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CANDIDO, Antônio. O Homem dos Aversos. In: _____. **Tese e Antítese**. Rio de Janeiro:
- FARDON, Richard. **Mary Douglas: uma biografia intelectual**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- FAVRET-SAADA, Jeanne, 1990, “Être Affecté”, *Gradhiva*. Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie, 8, 3-9.
- GANDHI, Mahatma. **Gandhi por ele mesmo**. (Antologia). São paulo: Martin Claret, 1981.
- GOLDMAN, Marcio. **Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica**. *Etnográfica*. [online]. Maio 2006, vol.10, no.1.
- IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1950.
- Nicolazzi, Fernando. **Uma teoria da História: Paul Ricoeur e a hermenêutica do discurso historiográfico**. Ouro sobre Azul, 2006. p. 111-130.
- Ricoeur, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- THROOP, C. Jason. **Minding experience: an exploration of the concept of “experience” in the early french anthropology of Durkheim, Lévy-Bruhl, and Lévi-Strauss**, *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, Vol. 39(4), 365–382 Fall 2003
- TURNER, Victor: **Social Dramas and Stories about Them**, *Critical Inquiry*, Vol. 7, No. 1, On Narrative (Autumn, 1980), pp. 141-168.